

# Barata tonta passeando pelo jardim

Entrei no bar quietinho. Torcendo para não ser visto. Não lembrava muito sobre a noite passada, e não queria ser lembrado. O Jaime estava colaborando comigo. Me viu chegando e parando no canto da parede com o balcão. Sem fazer alarde se aproximou com um copo de água. “Isso é tudo que você vai beber aqui. Se você não quiser voltar por causa disso é um favor que você me faz.” Levantei a cabeça lentamente, com cara de coitado, evocando todos os anos de amizade. “Que amizade?” “Com o mico!” Nunca vi alguém negar nada que estivesse impresso em papel moeda. Ele colocou uma cerveja e um copo na minha frente.

Peguei a parte de esportes do jornal torcendo para desaparecer. Não funcionou. O Jaime parou do meu lado e perguntou: “Quer ganhar cem pratas?” “O mico precisa da banana.” Ele apontou para um coronel que estava sentado do outro lado do bar. O velho me encarava como se estivesse sugando informações de dentro do meu cérebro e já soubesse que eu era um tremendo filho duma puta. Sentei em uma cadeira na mesa dele. “O velho do balcão disse que você tem trabalho para um cara como eu.” “Preferia que fosse um homem, mas acho que você serve.”

Sáímos do bar e entrei na carroceria de uma caminhonete. O velho dirigia como um rato drogado sem direção. Ele travou a roda, bati violentamente contra a grade e estávamos parados na frente de uma casa. Saíram mais três caras. Um sentou na cabine e os outros dois vieram comigo. Não teve “oi” ou “tudo bem”. “Você é o substituto do Cabeçudo?”, perguntou o capanga um. “Pode ser que sim.” O velho arrancou loucamente. Se sobrevivêssemos aquilo o serviço ia ser o de menos. A cidade foi ficando longe. Andamos

uma meia hora numa rodovia e entramos numa estrada de terra.

Tinha dois caminhões parados. O chefe verificou a carga. Eram centenas e milhares de pacotes de cocaína embalados em grandes fardos. Outros dois caminhões encostaram e agora éramos seis. “Vamos lá seus ordinários. Se eu ver algum saquinho furado voi enfiar o dedo no cu do bastardo. Vocês podem cheirar tudo que estiver no chão do caminhão.” Tinha tanto pó no assoalho que não era nem preciso juntar. Me curvei, mandei para dentro, o começamos o trabalho. Montamos uma linha de produção e começamos a jogar fardos de um lado para o outro.

O bagulho era bom. Foram mais duas cafungadas e não estava sentindo mais minha cara. Todo mundo fritando a luz da lua. Arremessando trinta, cinquenta quilos, como se estivessem jogando pedrinhas num lago. Um dos ordinários não aguentou o tranco. Começou a tremer, suar frio. O velho colocou ele dentro do carro. A última vez que reparei nele não acreditava que ele iria acordar de novo. Não me arriscava a parar com medo de ter o mesmo futuro. Já estava no meio do caminho. Tremia como uma vara verde e suave como um porco.

Acabamos tudo em pouco menos de duas horas. Desta vez fui no caminhão. O motorista me deixou numa praça com meus cem mangos. Parecia que eu ia empacotar a qualquer momento. As vezes parecia que estava frio, as vezes parecia que estava calor. Não resisti a tentação e surrubei um quilincho. Tirei ele da cueca e mergulhei no chafariz. Tomei um litro daquela água e olhei em volta. Arrebanhei duas garotas que estavam dando sopa no poste, peguei três garrafas de conhaque no bar e fomos curtir o fim da noite na minha casa.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/barata-tonta-passeando-pelo-jardim>